

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ALLAN DWAN

6 e 18 de Dezembro de 2021

ANGEL IN EXILE / 1948

*Um filme de Allan Dwan (e Philip Ford)*

Realização: Allan Dwan (e Philip Ford) / Argumento: Charles Larson / Direcção de Fotografia: Reggie Lanning / Direcção Artística: Frank Arrigo / Guarda-Roupa: Adele Palmer / Música: Nathan Scott / Som: Victor Appel / Montagem: Arthur Roberts / Interpretação: John Carroll (Charlie Dakin), Adele Mara (Raquel Chavez), Thomas Gomez (Dr Esteban Chavez), Barton MacLane (Max Giorgio), Alfonso Bedoya (Ysidro), Grant Withers (xerife), Paul Fix (Carl Spitz), Art Smith (Ernie Coons), etc.

Produção: Republic Pictures / Produtor: Allan Dwan / Cópia: 16mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 89 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Allan Dwan tinha começado a trabalhar para a Republic Pictures de Herbert J. Yates em 1946, depois de nos anteriores ter feito vários filmes para um produtor independente, Edward Small. Em 1948, ano de **Angel in Exile**, estava já, portanto, em pleno período de “série B”, de onde não sairia até ao fim da carreira (com a relativa excepção de **Sands of Iwo Jima**, também produzido pela Republic, que sendo um filme feito num estúdio tipicamente “B” contou com orçamento e meios mais próximos dos da “série A”).

Aos comentadores e entrevistadores de Dwan, **Angel in Exile** tradicionalmente suscita curiosidade pelo crédito de co-realização atribuído a Philip Ford. Este Ford, que era filho de Francis e sobrinho de John, já agora, foi um realizador com uma actividade bastante intensa nas produções de série B, tendo dirigido algumas dezenas de filmes (normalmente westerns) entre 1945 e o princípio dos anos 50, altura em que se mudou para a televisão e para as séries, meio onde se tornou um daqueles profissionais que são pau para toda a obra: há um pouco de tudo, da Lassie ao Superman, no trabalho televisivo de Philip Ford, que nunca alcançou nem um milésimo da reputação do seu celeberrimo tio. A sua participação em **Angel in Exile** terá sido nos mesmos profissionalíssimos moldes, e meramente funcional. A meio da rodagem, Dwan adoeceu e ficou uma semana impossibilitado de comparecer no plateau. Como – tempo é sempre dinheiro, ainda mais quando quer o tempo quer o dinheiro são poucos – a rodagem não podia parar, Dwan pediu a Ford que adiantasse trabalho, confiando-lhe a direcção de algumas “cenas de acção”, conforme o próprio especificou na entrevista a Michel Mizrahi (quais, num filme que nem tem assim tantas “cenas de acção”, não disse). Sendo Dwan o indivíduo gentil e humanamente bem formado que era, retribuiu a ajuda de Philip Ford oferecendo-lhe um crédito de co-realização. E a isto se parecer resumir o “mistério” das quatro mãos associadas à direcção de **Angel in Exile**.

Num contexto narrativo completamente diferente, e não tão bom como ele, o filme lembra bastante **Driftwood**, filme do ano anterior que veremos também ainda este mês. Há um também um retrato de comunidade, como na cidadezinha de Driftwood, mas agora estamos numa aldeia da fronteira entre o Arizona e o México – essa fronteira de que Dwan tanto gostava e a que voltou tantas vezes (mesmo quando apenas em estúdio). O amor de Dwan pelo México e pelos mexicanos está inteiramente estampado em **Angel in Exile**, no profundo respeito com que filma, por exemplo, as suas crenças religiosas, que são um dos eixos principais da narrativa, mas também na caracterização

individual das personagens e na escolha dos actores que as interpretam (Thomas Gomez no papel do médico, Alfonso Bedoya como Ysidro; só Adele Mara, que faz de “interesse romântico”, não seria, de entre as principais personagens mexicanas, de origem hispânica). **Driftwood**, por trás dessa caracterização de uma comunidade, era um filme animado pelo fascínio por uma crença mais forte do que tudo. Aqui, esse fascínio revela-se outra vez, e é mesmo aquilo que faz vacilar o cinismo do seu protagonista – que anda à procura, numa velha mina esgotada, do ouro roubado num assalto, e lentamente se torna sensível ao entusiasmo dos habitantes da aldeia, que acreditam que a mina voltou a ser abençoada e a dar outra vez fruto, ou seja, ouro. Dwan contrapõe essa crença, ou essa sinceridade, dos aldeões, ao cinismo dos americanos anglo-saxónicos que entre traições e alianças de circunstância congeminam formas de deitar mãos ao ouro roubado, aproveitando a boa vontade dos habitantes locais. E sobretudo, se tivéssemos que escolher uma cena, filma exemplarmente um mundo tolhido pela pobreza: aquele plano em que Raquel aponta para várias cidades do mundo inteiro, naturalmente sempre fora de campo, todas as cidades que quer visitar agora que a mina voltou a dar ouro. A câmara não se mexe ou quase não se mexe dentro do cenário de estúdio – mas ninguém duvida que, fora do enquadramento, estão mesmo a Paris e a Nova Iorque para que a personagem aponta com um alegria tão simples quanto dorida. É a partir dessa cena que ficamos com a certeza que alguém como Dwan não vai deixar ficar mal aquela personagem, nem vai deixar que o seu protagonista (John Carroll) a deixe ficar mal.

E ela retribui, com uma das mais bonitas declarações de amor nos planos finais, já depois de Carroll compungidamente, ter admitido que é “um ladrão”. Só que, como diz a rapariga (num “I don't care” tão perfeito como o de Mitchum no **Out of the Past** de Tourneur, do ano anterior), o amor não acaba lá porque “o vento muda ou o verão chega ao fim”. Este género de perólas, discretas, genuínas, carregadas de amor pelas personagens, está espalhado por todo o Dwan, é mesmo um dos seus traços mais distintivos.

Luís Miguel Oliveira